

PODE DOCENTE LGBT+ FALAR? NARRATIVAS DOCENTES LGBT+: BREVE PANORAMA DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS NO BRASIL

Wallace Matos da Silva
Universidade Federal da Bahia – UFBA (Brasil)
Endereço eletrônico: wallace.ifba@gmail.com.

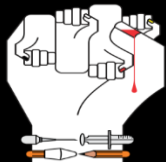
INTRODUÇÃO

Durante muitos anos da minha vida profissional, necessitei silenciar minha sexualidade, por ser professor LGBT+, como mecanismo de defesa para manter uma convivência harmoniosa com os meus pares e com o corpo discente na escola. Precisava do reconhecimento da minha competência profissional e, para isso, acabava sufocando minhas subjetividades, meu corpo, minhas atitudes, meu jeito de *ser-estar* no mundo. Era muito comum nos corredores da escola comentários de assédios sexuais com estudantes e com profissionais da educação de um modo geral. Entendia que o corpo LGBT+ era um estranho no ninho apesar de perceber que havia outros colegas com sexualidades dissidentes como a minha. Sentia também que havia, nas/os docentes, um desejo de falar de si e de suas vivências.

A percepção desse desejo me inquietava porque era uma sensação que eu também sentia como um corpo docente LGBT+. Aos poucos, fui compreendendo que essas narrativas docentes LGBT+ precisavam ser protagonizadas e estudadas na escola com os respetivos *informantesvivos*, pois se tratava de narrativas de vidas de corpos dissidentes que careciam dessa “escuta sensível” como um novo viés no horizonte do campo das pesquisas narrativas. Na encruzilhada dessas narrativas vivenciais, encontram-se seres humanos, saberes, conhecimentos e, quiçá, potência heurística. Entendi que era o momento de tencionar essas estruturas institucionais com seus pilares conservadores, numa perspectiva de “produção de conhecimento coletiva, colaborativa, apoiada na experiência de todas e todos” (LOURO, 2019, p.118).

É nesse contexto, imbuído dessas inquietações, que surge a minha pesquisa de doutorado: narrativas de docentes LGBT+. Esta comunicação objetiva apresentar um recorte do mapeamento das produções acadêmicas “teses e dissertações” que se constitui o Estudo da Arte. Partindo do princípio de que as produções acadêmicas devem ter o compromisso com o desenvolvimento da ciência e de todos os segmentos da sociedade, este levantamento se constitui como mais uma ferramenta para o

2505



fortalecimento de estratégias de enfrentamento num cenário de disputas discursivas em que o estado brasileiro, atravessado por forças político-partidárias ultraconservadoras, tem subtraído e contestado direitos conquistados pelos coletivos e movimentos LGBT+ nas últimas quatro décadas.

METODOLOGIA

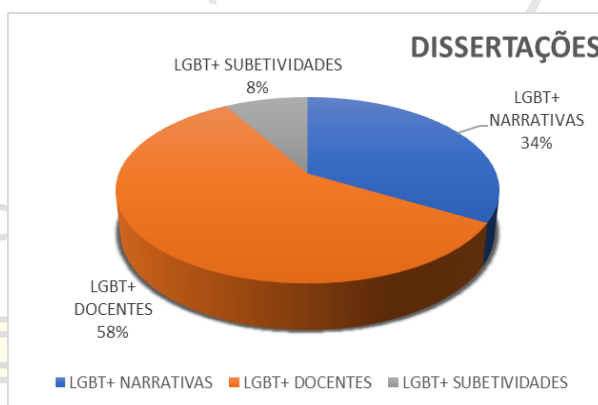
A metodologia utilizada para esta comunicação é o Estado da Arte. Dessa forma, realizei o levantamento acerca das publicações das pesquisas que utilizam o método biográfico, especificamente, com a abordagem das narrativas (auto)biográficas (DELORY MONGERGER, 2012) e histórias de vida (NÓVOA E FINGER, 2014) de docentes LGBT+. O estudo corresponde às publicações de teses e dissertações constantes na Plataforma Sucupira da CAPES, nos últimos dez anos (2011-2021). Para a busca das teses e das dissertações na área de Educação, utilizei alguns critérios/filtros nessa etapa do levantamento tais como: área de conhecimento (educação), área de avaliação (educação), área de concentração (educação) e nome do programa (educação).

2506

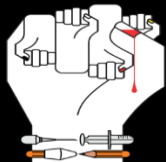
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciando a análise sobre o campo da pesquisa, apresentarei o quantitativo distribuído por cada descritor utilizado nesse estudo da arte: “LGBT+ Narrativas”, “LGBT+ Docentes” e “LGBT+ Subjetividades”. A escolha dos descritores ocorreu em função de que eles dariam conta de diferentes perspectivas de tratamento para o campo dessa pesquisa. Nos gráficos abaixo (1 e 2), apresento a distribuição, em percentuais, das teses e das dissertações referentes a cada descritor.

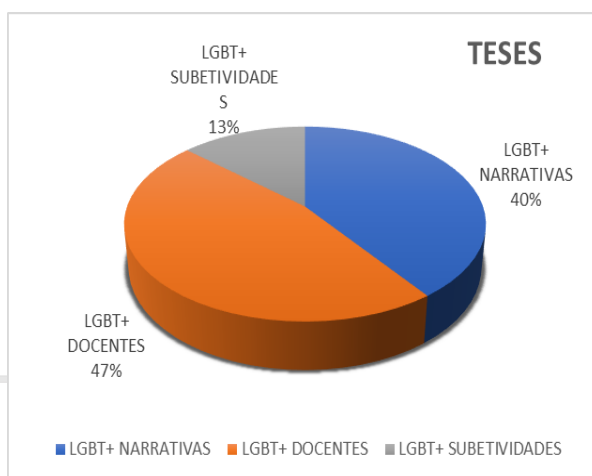
Gráfico 1 – Amostra final das Dissertações por Descritores



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)



Gráficos 2 - Amostra final das Teses por Descritores



2507

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Os gráficos indicam a existência de muitos estudos acadêmicos com enfoque na/no docente LGBT+, 58% das dissertações e 47% das teses. A segunda maior ocorrência nas amostras constitui os estudos com narrativas LGBT+ apresentando 34% das dissertações e 40% das teses. Penso que há um cenário que deve ser considerado com esses resultados, tanto os estudos de mestrado quanto de doutorado centram seus respectivos objetos na categoria docentes LGBT+. Por um lado, é positivo porque há uma demanda significativa de pesquisas com a/o professor/a nas dimensões dos estudos do currículo, da formação do professor, das políticas públicas dos direitos humanos, na educação infantil entre outros. Esses estudos contribuem sobremaneira para a continuidade das discussões em torno do tema das sexualidades dissidentes. Por outro lado, quando se trata do descritor “subjetividades LGBT+”, as pesquisas são bem mais restritas e, posso afirmar, incipientes, visto que, tanto nas pesquisas de mestrado quanto na de doutorado, o quantitativo de produções acadêmicas não alcança 15% do total encontrado (gráficos 1 e 2).

O descritor “narrativas LGBT+” apresenta uma peculiaridade: há um movimento ascendente de pesquisas conforme se aprofundam os estudos. Do mestrado para o doutorado, as produções acadêmicas aumentam 6%, aproximando-se aos indicadores das pesquisas que centram os estudos na temática docente. Infiro que o estudo utilizando as narrativas revela as potencialidades desse *ser-estar* LGBT+ no mundo, com suas subjetividades e idiossincrasias, destacando o valor heurístico da investigação por meio dos dispositivos da pesquisa narrativa.



CONCLUSÃO

Esses dados iniciais na organização do Estudo da Arte revelam que as produções acadêmicas concentram suas pesquisas na dimensão docente LGBTQ+. Entretanto ainda carecem de estudos que possam dar conta das subjetividades dos docentes LGBTQ+ presente em suas narrativas de vida. Por meio dessas perspectivas individuais dos docentes LGBTQ+, penso que possibilitará a compreensão das experiências (BONDÍA, 2002) num oceano de vivências múltiplas e distintas do que é ser docente LGBTQ+ na escola pública. Entendo que as experiências docentes LGBTQ+ contribuem para desestabilizar e ameaçar a ordem social dominante, porque torna-se uma linha de fuga nas engrenagens do sistema de saber-poder que se tornou hegemônico. O espaço escolar de cultura universalizante impacta nas questões ligadas às relações de gênero, às sexualidades dissidentes e às orientações sexuais, principalmente quando a corporeidade carrega marcas visíveis da identidade de gênero e/ou orientação sexual, ocorrência observada diante dos sérios impactos nas dimensões psicossomáticas das docentes e dos docentes LGBTQ+.

Rafael Guimarães (2017) esclarece que todas as diferenças devem ser tratadas de modo a conceber as distintas nuances dos atravessamentos do complexo sistema-mundo colonial moderno, promovendo saberes outros que desloquem o pensamento (ou racionalidade) do sistema epistemológico eurocêntrico. É preciso que nos escutem numa institucionalidade e que façamos das nossas experiências/vivências a heurística para criar fissuras no sistema-mundo global, estruturado com bases na articulação entre a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo (QUIJANO, 2005).

Encerro esse texto me reportando à pergunta título do livro de Gayatri Spivak (2018) “Pode o subalterno falar?”, respondo afirmando que o subalterno pode e deve falar.

PALAVRAS-CHAVE: Docentes LGBTQ+. Narrativas de vida. Estado da Arte.

2508



REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2002, n. 19 [Acessado 9 Agosto 2021] , pp. 20-28. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens Metodológicas na Pesquisa Biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 17, nº 51, p. 523-536, 2012.

GUIMARÃES, Rafael Siqueira de. **Por uma Psicologia decolonial: (des) localizando conceitos**. In: Emerson Fernando Rasera, Maristela de Souza Pereira e Dolores Galindo (Organizadores). Democracia participativa, estado e laicidade: psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção. Porto Alegre: ABRAPSO, 2017, p. 263-276.

LOURO, Guacira. **O corpo educado** – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 222p.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2ªed. Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2014, 214p.

SPIVAC, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. 174p.

2509

Realização:



Apoio:

